



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 2.717, DE 2003

(Do Sr. Silas Brasileiro)

Dispõe sobre as Operações de Crédito Rural renegociadas ao ampara da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, da Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999 e da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002 e dá outras providências

DESPACHO:

ÀS COMISSÕES DE:

AGRICULTURA E POLÍTICA RURAL;

FINANÇAS E TRIBUTAÇÃO E

CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54)

APRECIÇÃO:

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

PUBLICAÇÃO INICIAL

Art. 137, caput - RICD

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º As instituições financeiras integrantes do Sistema Nacional de Crédito Rural – SNCR, em relação às operações alongadas ao amparo da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, alterada pela Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999, e da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, ficam obrigadas a promover a revisão das garantias vinculadas, observando aos seguintes dispositivos:

I - Quando solicitado formalmente pelo mutuário;

II – O valor dos bens objeto de garantia, quando necessário, deve ser apurado mediante apresentação de laudo de avaliação, elaborado por profissional qualificado, realizado em estrita observação às instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT;

III - As garantias não podem exceder aos valores regulamentares do crédito rural, na proporção de 130 : 100 (cento e trinta para cem), devendo ser liberadas aquelas que excederem aos respectivos valores;

§ 1º. Considerar-se-á solicitação formal:

a – Protocolo de correspondência em qualquer agência da instituição credora, sendo obrigatório o recebimento da mesma;

b – Envio de Carta Registrada, com declaração sucinta do teor;

c – Notificação através de Cartório Notarial.

§ 2º. Fica autorizada, a exclusivo critério do mutuário, a substituição das garantias vinculadas às operações, obedecidas as disposições contidas nos incisos I a III do caput do artigo, e aos seguintes critérios:

a – As garantias devem ser as usuais para operações de crédito rural;

b – Não podem conter impedimentos ou ônus de qualquer natureza.

§ 3º. A Instituição Financeira disporá de prazo de até 90 dias para:

a – Se manifestar formalmente sobre a solicitação do mutuário;

b – Apresentar a justificativa técnica e fundamentada, em caso de decisão negativa;

c – Promover as alterações necessárias nos instrumentos de crédito, para as solicitações deferidas.

§ 4º. Fica admitida a vinculação de parte de imóvel rural como objeto de garantia de operações alongadas, mediante apresentação de planta baixa e memorial descritivo da parte da área que ficará vinculada como garantia à operação alongada.

Art. 2º. Fica autorizada a assunção e transferência de dívidas alongadas ao amparo da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, alterada pela Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999, e da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, observados os procedimentos e as práticas bancárias aplicáveis às operações da espécie.

Art. 3º. Dentro dos seus procedimentos bancários, os agentes financeiros devem adotar as providências necessárias à continuidade da assistência creditícia a mutuários contemplados com o alongamento de que trata a Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, alterada pela Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999, e da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, quando necessário ao desenvolvimento de suas explorações.

Art. 4º. Na hipótese de liquidação antecipada e total das dívidas alongadas ao amparo da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, alterada pela Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999, aplicar-se-á, além dos bônus legalmente estabelecidos no § 5º do art. 5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, e na Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, ficam as Instituições Financeiras integrantes do Sistema Nacional de Crédito Rural – SNCR, autorizadas a conceder desconto sobre cada parcela a ser antecipada, respeitando os seguintes procedimentos:

I – Alongamento com base no artigo 5º, §§ 3º e 5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995 e demais alterações, regulamentada pela Resolução nº 2.238, de 31 de janeiro de 1996 – Utilização do seguinte critério de cálculo: $VPA = VP / ((1 + TJLP)^{(1/N)})^n$; onde:

VPA = Valor da Parcela Antecipada;
 VP = Valor da Parcela;
 TJLP – Taxa de Juros de Longo Prazo;
 N = Total de dias no ano;
 n = Número de dias Antecipados.

II – Alongamento com base no artigo 5º, § 6º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995 e demais alterações, regulamentada pela Resolução nº 2.471, de 26 de fevereiro de 1998 – Utilização do seguinte critério de cálculo: $VPA = VP / ((1 + SELIC)^{(1/N)})^n$; onde:

VPA = Valor da Parcela Antecipada;
 VP = Valor da Parcela;
 Taxa SELIC;
 N = Total de dias no ano;
 n = Número de dias Antecipados.

III – Alongamento com base no artigo 5º da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, regulamentada pela Resolução nº 2.906, de 21 de novembro de 2001 – Utilização do seguinte critério de cálculo: $VPA = VP / ((1 + SELIC)^{(1/N)})^n$; onde:

VPA = Valor da Parcela Antecipada;
 VP = Valor da Parcela;
 Taxa SELIC;
 N = Total de dias no ano;
 n = Número de dias Antecipados.

§ 1º. Em caso de liquidação total da dívida, nas condições estabelecidas neste artigo, fica sem efeito o disposto no § 7º do artigo 1º da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002.

§ 2º. Para dar cumprimento ao disposto neste artigo, as Instituições Financeiras poderão adotar os procedimentos contábeis necessários para considerar quitadas todas as operações, observando ainda, em relação às mesmas, as seguintes medidas:

- a) Poderão ser mantidas nas respectivas carteiras das Instituições Financeiras até o seu vencimento final, mediante comunicação ao Banco Central do Brasil;
- b) Deixarão de cumprir exigibilidade bancária, devendo ser excluídas do procedimento de provisão estabelecido pelo Banco Central do Brasil;
- c) Fornecer aos mutuários o termo de quitação total da operação liquidada;
- d) Promover as baixas das garantias junto aos Cartórios Notariais relativas às operações liquidadas;
- e) Não poderão constar em nome do devedor, qualquer anotação restritiva para obtenção de créditos;
- f) Não deverão constar em nome do devedor, valores devidos na Central de Risco de Crédito administrada pelo Banco Central do Brasil;
- g) Os valores recebidos pelas Instituições Financeiras, sob a modalidade de liquidação antecipada da dívida, poderão ser utilizados por elas em operações comerciais, obedecidos os procedimentos bancários para as respectivas operações.

Art. 5º. O artigo 1º da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2003 passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:

Art. 1º.
.....

§ 8º. Aplicam-se as disposições contidas nos §§ 5º, 6º e 7º deste artigo, às operações mantidas em condições originais em que os mutuários fizerem a opção pela não adesão ao alongamento.

Art. 6º. As infrações aos dispositivos desta lei sujeitam as instituições financeiras, seus diretores, membros de conselhos administrativos, fiscais e semelhantes, e gerentes, às penalidades previstas no artigo 44 da Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964, sem prejuízo de outras estabelecidas na legislação vigente.

Art. 7º. Fica a União autorizada a dispensar o tratamento estabelecido nos arts. 1º a 2º desta Lei às operações da mesma espécie adquiridas sob a égide da Medida Provisória no 2.196-3, de 24 de agosto de 2001.

Art. 8º. O Conselho Monetário Nacional - CMN estabelecerá as condições que se fizerem necessárias à implementação das disposições constantes desta Lei.

Art. 9º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Este projeto tem por objetivo, oferecer uma solução definitiva aos mutuários de crédito rural, de operações alongadas ao amparo da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, alterada pela Lei nº 9.866, de 09 de novembro de 1999 e da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, no que tange à liquidação por antecipação de seus débitos, bem como a liberação ou substituição de garantias, ou alteração de devedor através de transferências de imóveis e das dívidas a eles vinculadas.

Quando do início do processo de renegociação de dívidas, com a publicação da Lei nº 9.138, de 1995, o seu artigo 5º, § 5º, inciso VI já estabelecia que caberia aos mutuários apresentarem as garantias além das liberações dos valores excedentes por parte das instituições financeiras. Na regulamentação do § 6º do artigo 5º da referida lei, através da Resolução nº 2.471, de 1998, ficou estabelecido que as garantias seriam limitadas a 50% do capital renegociado.

Com a transferências de dívidas para a União, em conformidade com a Medida Provisória nº 2.196, de 2001, o Ministério da Fazenda, através da Portaria nº 275, de 12 de setembro de 2002, disciplinou os procedimentos a serem observados pelo Banco do Brasil S/A, representando a União Federal, em relação à baixa de garantias, liberação e substituição de garantias.

Ocorre que, apesar das autorizações expressas, os procedimentos de liberação e substituição de garantias não têm sido efetivados, talvez, por falta de uma disciplina legal que melhor identifique tais mecanismos, conforme propomos neste projeto, que trata dos aspectos da avaliação sob as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, limite máximo a ser considerado, além de outros itens a serem observados, como a vinculação de parte do imóvel, sem a necessidade do desmembramento do mesmo, procedimento já adotado em outras épocas, no crédito rural.

A transferência do imóvel e da dívida para terceiro, também é um item deste projeto, pois as instituições financeiras vêm alegando dificuldades legais para tais procedimentos, contribuindo para a inadimplência das operações ou mesmo a realização de contratos de gaveta para vendas de imóveis. A permissão para a venda e transferência de dívidas permite que devedores, com dificuldades financeiras ou que não se encontrem na atividade, possam transferir ou vender a propriedade, mediante ciência da instituição financeira, para outro produtor com melhor capacidade financeira e tecnológica capaz de honrar os compromissos e inserir a propriedade no processo produtivo do País.

A possibilidade de liquidação antecipada da dívida, também é um dispositivo que merece atenção neste projeto, pois a legislação autorizou a renegociação de dívidas com prazos que vão de 13 anos (FUNCAFÉ), 20 anos (PESA) e 23 anos (SECURITIZAÇÃO), com encargos compatíveis com a atividade, por ser tratar de alongamento de débitos, ensejando um benefício para os produtores, mas um ônus para a União, pelo custo das referidas operações ao longo do período.

A título de exemplo, as operações da securitização, foram contratadas com juros fixos de 3% ao ano, as operações do PESA, com IGP-M limitados a 9,5% ao ano e pagamento de juros limitados em 3%, 4% ou 5% e as operações do FUNCAFÉ, contratadas com juros de 5,75% ao ano, enquanto o custo de financiamento para a União é calculado, no mínimo, com base na taxa SELIC, fixada atualmente em 17,5% ao ano, mas que no início do ano, já alcançou o patamar de 26% ao ano.

O texto proposto no projeto não ensejará ônus para a União, tendo em vista que prevê a liquidação sob a forma contábil, permitindo a Instituição Financeira a utilização dos recursos na sua carteira comercial e de créditos, cujos encargos praticados são muito superiores aos estabelecidos para as operações renegociadas, podendo, este mesmo procedimento, ser utilizado pela Secretaria do Tesouro Nacional, ao receber os recursos de liquidação antecipada, financiando assim, as ações da União, seja na amortização da dívida pública, seja no financiamento de outras ações.

A metodologia utilizada traduz que a liquidação deve ser calculada pela antecipação das parcelas, que já são previamente estimadas, considerando a Taxa de Juros de Longo Prazo – TJPL, para as operações securitizadas, por terem sido beneficiadas com taxas de juros mais baixas e por já possuírem bônus de adimplência pré-fixados na legislação vigente e a SELIC para os demais casos, em função das particularidades das mesmas, no caso do PESA, por ter a correção do saldo devedor vinculado ao IGP-M, embora limitado a 9,5% ao ano e no caso do FUNCAFÉ, por estar limitado a um prazo menor (12 anos), quando comparados às demais renegociações.

Os quadros em anexo, demonstram que, ao se conceder condições para liquidação antecipada das referidas operações, os mutuários podem liquidar os seus débitos com descontos que variam de 48,40% para a Securitização, 47,6561% a 68,5937% para as operações do PESA, considerado que o Certificado do Tesouro Nacional, com valor inicial de 10,367% fica liberado para a instituição credora como forma de pagamento e para as operações do FUNCAFÉ, descontos de 47,47%, todos em relação ao saldo devedor atualizado.

Neste projeto, procuramos eliminar uma grave distorção verificada na Lei nº 10.437, de 2002, que no tratamento do débito alongado sob a forma da Securitização, não admitiu a aplicação da isenção da correção monetária vinculada à variação do Preço Mínimo, para os produtores que fizeram a opção de não alongar seus débitos pelo prazo de 24 anos. Este procedimento verificado é uma injustiça com aqueles produtores que optaram em liquidar suas dívidas em menos espaço de tempo, beneficiando os procedimentos em vigor, as dívidas alongadas. Ao contrário, a estes produtores, que não alongaram seus débitos, deveriam ter sido fixados mecanismos de incentivo, pois estão gerando muito menos ônus à União. Portanto, o artigo 5º deste projeto, corrige tal distorção e estabelece um tratamento isonômico entre os produtores que alongaram seus débitos na forma do artigo 1º da Lei nº 10.437, de 2002 e aqueles que optaram pelo não alongamento e permanecerem nas condições originais.

São essas as considerações que justificam a apresentação da presente proposição.

Salas das Sessões, 10 de dezembro de 2003.

SILAS BRASILEIRO
Deputado Federal

Quadro 01 – Securitização – Base 100 – Bônus de 30%

ESTIMATIVA DE ANTECIPAÇÃO DE PARCELA DE DÍVIDAS SECURITIZADAS							
Data	Nº de dias	Especificação	Parcela	Bônus - Lei nº 9866 (30%)	Parcela Líquida	Valor Presente da Parcela	Valor Para Liquidação
30/11/03	-	-	-	-	-	97,32	90,84
31/10/04	336,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	94,48	81,84
31/10/05	701,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	91,73	73,73
31/10/06	1.066,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	89,06	66,42
31/10/07	1.431,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	86,46	59,82
31/10/08	1.797,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	83,94	53,89
31/10/09	2.162,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	81,49	48,55
31/10/10	2.527,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	79,12	43,74
31/10/11	2.892,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	76,81	39,40
31/10/12	3.258,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	74,57	35,49
31/10/13	3.623,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	72,40	31,97
31/10/14	3.988,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	70,29	28,81
31/10/15	4.353,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	68,24	25,94
31/10/16	4.719,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	66,25	23,37
31/10/17	5.084,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	64,32	21,06
31/10/18	5.449,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	62,45	18,97
31/10/19	5.814,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	60,62	17,08
31/10/20	6.180,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	58,86	15,39
31/10/21	6.545,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	57,14	13,87
31/10/22	6.910,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	55,48	12,49
31/10/23	7.275,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	53,86	11,25
31/10/24	7.641,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	52,29	10,14
31/10/25	8.006,00	Valor da Parcela	100,00	30,00	70,00	-	-
30/11/03	Valores Totais		2.200,00	660,00	1.540,00	1.597,18	824,07
TOTAL PROJETADO DE DESCONTO PARA LIQUIDAÇÃO ANTECIPADA							48,40%
DESCONTO MÁXIMO ESTABELECIDO PELA LEI Nº 9.866, DE 1999							30,00%
DESCONTO MÁXIMO APLICADO PARA AS OPERAÇÕES DA ESPÉCIE							78,40%

Quadro 02 – Securitização – Base 100 – Bônus de 15%							
ESTIMATIVA DE ANTECIPAÇÃO DE PARCELA DE DÍVIDAS SECURITIZADAS							
Data	Nº de dias	Especificação	Parcela	Bônus - Lei nº 9866	Parcela Líquida	Valor Presente da Parcela	Valor Para Liquidação
30/11/03	-	-	-	-	-	97,32	90,84
31/10/04	336,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	94,48	81,84
31/10/05	701,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	91,73	73,73
31/10/06	1.066,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	89,06	66,42
31/10/07	1.431,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	86,46	59,82
31/10/08	1.797,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	83,94	53,89
31/10/09	2.162,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	81,49	48,55
31/10/10	2.527,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	79,12	43,74
31/10/11	2.892,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	76,81	39,40
31/10/12	3.258,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	74,57	35,49
31/10/13	3.623,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	72,40	31,97
31/10/14	3.988,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	70,29	28,81
31/10/15	4.353,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	68,24	25,94
31/10/16	4.719,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	66,25	23,37
31/10/17	5.084,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	64,32	21,06
31/10/18	5.449,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	62,45	18,97
31/10/19	5.814,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	60,62	17,08
31/10/20	6.180,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	58,86	15,39
31/10/21	6.545,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	57,14	13,87
31/10/22	6.910,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	55,48	12,49
31/10/23	7.275,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	53,86	11,25
31/10/24	7.641,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	52,29	10,14
31/10/25	8.006,00	Valor da Parcela	100,00	15,00	85,00	-	-
30/11/03	Valores Totais		2.200,00	330,00	1.870,00	1.597,18	824,07
TOTAL PROJETADO DE DESCONTO PARA LIQUIDAÇÃO ANTECIPADA							48,40%
DESCONTO MÁXIMO ESTABELECIDO PELA LEI Nº 9.866, DE 1999							15,00%
DESCONTO MÁXIMO APLICADO PARA AS OPERAÇÕES DA ESPÉCIE							63,40%

Quadro 03 – PESA – Base 100:

ESTIMATIVA DE ANTECIPAÇÃO DE PARCELA DE DÍVIDAS DO PESA										
Data	Nº de dias	Especificação	IGP-M limitado	Saldo Devedor	Parcela Devida	Valor Presente da Parcela	Parcela Devida	Valor Presente da Parcela	Parcela Devida	Valor Presente da Parcela
30/11/03	-	Saldo Devedor da Operação		100,00	-	2,83	-	3,77	-	4,72
01/11/04	337,00	Atualização da Dívida	9,50	109,50	3,29	2,64	4,38	3,52	5,48	4,40
01/11/05	702,00	Atualização da Dívida	10,40	119,90	3,60	2,46	4,80	3,28	6,00	4,10
01/11/06	1.067,00	Atualização da Dívida	11,39	131,29	3,94	2,29	5,25	3,05	6,56	3,82
01/11/07	1.432,00	Atualização da Dívida	12,47	143,77	4,31	2,13	5,75	2,85	7,19	3,56
01/11/08	1.798,00	Atualização da Dívida	13,66	157,42	4,72	1,99	6,30	2,65	7,87	3,31
01/11/09	2.163,00	Atualização da Dívida	14,96	172,38	5,17	1,85	6,90	2,47	8,62	3,09
01/11/10	2.528,00	Atualização da Dívida	16,38	188,76	5,66	1,73	7,55	2,30	9,44	2,88
01/11/11	2.893,00	Atualização da Dívida	17,93	206,69	6,20	1,61	8,27	2,15	10,33	2,68
01/11/12	3.259,00	Atualização da Dívida	19,64	226,32	6,79	1,50	9,05	2,00	11,32	2,50
01/11/13	3.624,00	Atualização da Dívida	21,50	247,82	7,43	1,40	9,91	1,86	12,39	2,33
01/11/14	3.989,00	Atualização da Dívida	23,54	271,37	8,14	1,30	10,85	1,74	13,57	2,17
01/11/15	4.354,00	Atualização da Dívida	25,78	297,15	8,91	1,21	11,89	1,62	14,86	2,02
01/11/16	4.720,00	Atualização da Dívida	28,23	325,37	9,76	1,13	13,01	1,51	16,27	1,88
01/11/17	5.085,00	Atualização da Dívida	30,91	356,29	10,69	1,05	14,25	1,40	17,81	1,76
01/11/18	5.450,00	Atualização da Dívida	33,85	390,13	11,70	0,98	15,61	1,31	19,51	1,64
01/11/19	5.815,00	Atualização da Dívida	37,06	427,19	12,82	0,91	17,09	1,22	21,36	1,52
01/11/20	6.181,00	Atualização da Dívida	40,58	467,78	14,03	0,85	18,71	1,14	23,39	1,42
01/11/21	6.546,00	Atualização da Dívida	44,44	512,22	15,37	0,79	20,49	1,06	25,61	1,32
01/11/22	6.911,00	Atualização da Dívida	48,66	560,88	16,83	0,74	22,44	0,99	28,04	1,23
01/11/23	7.276,00	Atualização da Dívida	53,28	614,16	18,42	-	24,57	-	30,71	-
30/11/03	Valores Totais				177,79	31,41	237,06	41,88	296,32	52,34
TOTAL PROJETADO DE DESCONTO PARA LIQUIDAÇÃO ANTECIPADA						68,5937%		58,1249 %		47,6561 %

Quadro 04 – FUNCAFÉ – Base 100:

ESTIMATIVA DE ANTECIPAÇÃO DE PARCELA DE DÍVIDAS DO PESA						
Data	Nº de dias	Especificação	Juros	Principal	Saldo Devedor	Valor Presente da Parcela
30/11/03	-	Saldo Devedor da Operação		100,00	100,00	4,95
01/11/04	337,00	Pagamentos	5,75	-	100,00	4,22
01/11/05	702,00	Atualização da Dívida	5,75	-	100,00	3,59
01/11/06	1.067,00	Atualização da Dívida	5,75	-	100,00	5,71
01/11/07	1.432,00	Atualização da Dívida	5,75	5,00	95,00	6,76
01/11/08	1.798,00	Atualização da Dívida	5,46	9,50	85,50	6,82
01/11/09	2.163,00	Atualização da Dívida	4,92	12,83	72,68	6,12
01/11/10	2.528,00	Atualização da Dívida	4,18	14,54	58,14	4,17
01/11/11	2.893,00	Atualização da Dívida	3,34	11,63	46,51	3,39
01/11/12	3.259,00	Atualização da Dívida	2,67	11,63	34,88	2,16
01/11/13	3.624,00	Atualização da Dívida	2,01	8,72	26,16	4,63
01/11/14	3.989,00	Atualização da Dívida	0,83	26,16	-	-
30/11/03	Valores Totais		46,41	100,00	-	52,53
TOTAL PROJETADO DE DESCONTO PARA LIQUIDAÇÃO ANTECIPADA						47,47%

LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA COORDENAÇÃO DE ESTUDOS LEGISLATIVOS - CEDI
--

LEI Nº 9.138, DE 29 DE NOVEMBRO DE 1995

Dispõe sobre o Crédito Rural, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

.....

Art. 5º São as instituições e os agentes financeiros do Sistema Nacional de Crédito Rural, instituído pela Lei nº 4.829, de 5 de novembro de 1965, autorizados a proceder ao alongamento de dívidas originárias de crédito rural, contraídas por produtores

rurais, suas associações, cooperativas e condomínios, inclusive as já renegociadas, relativas às seguintes operações, realizadas até 20 de junho de 1995:

I - de crédito rural de custeio, investimento ou comercialização, excetuados os empréstimos do Governo Federal com opção de venda (EGF/COV);

II - realizadas ao amparo da Lei nº 7.827, de 27 de setembro de 1989 - Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste (FNO, FNE e FCO);

III - realizadas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e de outros recursos operados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES);

IV - realizadas ao amparo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (FUNCAFE).

§ 1º O Conselho Monetário Nacional poderá autorizar a inclusão de operações de outras fontes.

§ 2º Nas operações de alongamento referidas no caput, o saldo devedor será apurado segundo as normas fixadas pelo Conselho Monetário Nacional.

§ 3º Serão objeto do alongamento a que se refere o caput as operações contratadas por produtores rurais, suas associações, condomínios e cooperativas de produtores rurais, inclusive as de crédito rural, comprovadamente destinadas à condução de atividades produtivas, lastreadas com recursos de qualquer fonte, observado como limite máximo, para cada emitente do instrumento de crédito identificado pelo respectivo Cadastro de Pessoa Física - CPF ou Cadastro Geral do Contribuinte - CGC, o valor de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), observado, no caso de associações, condomínios e cooperativas, o seguinte:

I - as operações que tenham "cédulas-filhas" serão enquadradas na regra geral;

II - as operações originárias de crédito rural sem identificação do tomador final serão enquadrados, observando-se, para cada associação ou cooperativa, o valor obtido pela multiplicação do valor médio refinanciável de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais) pelo número de associados ativos da respectiva unidade;

III - nos condomínios e parcerias entre produtores rurais, adotar-se-á um limite máximo de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para cada participante, excetuando-se cônjuges, identificado pelo respectivo CPF ou CGC.

§ 4º As operações desclassificadas do crédito rural serão incluídas nos procedimentos previstos neste artigo, desde que a desclassificação não tenha decorrido de desvio de crédito ou outra ação dolosa do devedor.

§ 5º Os saldos devedores apurados, que se enquadrem no limite de alongamento previsto no § 3º, terão seus vencimentos alongados pelo prazo mínimo de sete anos, observadas as seguintes condições:

I - prestações anuais, iguais e sucessivas, vencendo a primeira em 31 de outubro de 1997, admitidos ajustes no cronograma de retorno das operações alongadas e adoção de bônus de adimplência nas prestações, conforme o estabelecido nesta Lei e a devida regulamentação do Conselho Monetário Nacional;

** Inciso I com redação dada pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

II - taxa de juros de três por cento ao ano, com capitalização anual;

III - independentemente da atividade agropecuária desenvolvida pelo mutuário, os contratos terão cláusula de equivalência em produto, ficando a critério do mesmo a escolha

de um dos produtos, a serem definidos pelo Conselho Monetário Nacional, cujos preços de referência constituirão a base de cálculo dessa equivalência;

IV - a critério do mutuário, o pagamento do débito poderá ser feito em moeda corrente ou em equivalentes unidades de produto agropecuário, consoante a opção referida no inciso anterior, mediante depósito da mercadoria em unidade de armazenamento credenciada pelo Governo Federal;

V - a critério das partes, caso o mutuário comprove dificuldade de pagamento de seu débito nas condições supra indicadas, o prazo de vencimento da operação poderá ser estendido até o máximo de dez anos, passando a primeira prestação a vencer em 31 de outubro de 1998, sujeitando-se, ainda, ao disposto na parte final do inciso I deste parágrafo, autorizados os seguintes critérios e condições de renegociação:

** Inciso V, caput, com redação dada pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

a) prorrogação das parcelas vincendas nos exercícios de 1999 e 2000, para as operações de responsabilidade de um mesmo mutuário, cujo montante dos saldos devedores seja, em 31 de julho de 1999, inferior a quinze mil reais.

** Alínea a acrescida pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

b) nos casos em que as prestações de um mesmo mutuário totalizem saldo devedor superior a quinze mil reais, pagamento de dez por cento e quinze por cento, respectivamente, das prestações vencíveis nos exercícios de 1999 e 2000, e prorrogação do restante para o primeiro e segundo ano subsequente ao do vencimento da última parcela anteriormente ajustada:

** Alínea b acrescida pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

c) o pagamento referente à prestação vencível em 31 de outubro de 1999 fica prorrogado para 31 de dezembro do mesmo ano, mantendo-se os encargos de normalidade;

** Alínea c acrescida pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

d) o bônus de adimplência a que se refere o inciso I deste parágrafo, será aplicado sobre cada prestação paga até a data do respectivo vencimento e será equivalente ao desconto de:

1) trinta por cento, se a parcela da dívida for igual ou inferior a cinquenta mil reais;

2) trinta por cento até o valor de cinquenta mil reais e quinze por cento sobre o valor excedente a cinquenta mil reais, se a parcela da dívida for superior a esta mesma importância;

** Alínea d acrescida pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

VI - caberá ao mutuário oferecer as garantias usuais das operações de crédito rural, sendo vedada a exigência, pelo agente financeiro, de apresentação de garantias adicionais, liberando-se aquelas que excederem os valores regulamentares do crédito rural;

VII - a data de enquadramento da operação nas condições estabelecidas neste parágrafo será aquela da publicação desta Lei.

§ 6º Os saldos devedores apurados, que não se enquadrem no limite de alongamento estabelecido no § 3º, terão alongada a parcela compreendida naquele limite segundo as condições estabelecidas no § 5º, enquanto a parcela excedente será objeto de renegociação entre as partes, segundo as normas fixadas pelo Conselho Monetário Nacional.

§ 6º-A Na renegociação da parcela a que se refere o § 6º, o Tesouro Nacional efetuará, mediante declaração de responsabilidade dos valores atestados pelas instituições financeiras, o pagamento relativo ao rebate de até dois pontos percentuais ao ano sobre a

taxa de juros, aplicado a partir de 24 de agosto de 1999, para que não incidam taxas de juros superiores aos novos patamares estabelecidos pelo Conselho Monetário Nacional para essa renegociação, não podendo da aplicação do rebate resultar taxa de juros inferior a seis por cento ao ano, inclusive nos casos já renegociados, cabendo a prática de taxas inferiores sem o citado rebate.

** § 6º-A acrescido pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

§ 6º-B As dívidas originárias de crédito rural que tenham sido contratadas entre 20 de junho de 1995 e 31 de dezembro de 1997 e contenham índice de atualização monetária, bem como aquelas enquadráveis no Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária - Recoop, poderão ser renegociadas segundo o que estabelecem os §§ 6º-A e 6º-C deste artigo.

** § 6º-B acrescido pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

§ 6º-C As instituições integrantes do Sistema Nacional de Crédito Rural - SNCR, na renegociação da parcela a que se referem os §§ 6º, 6º-A e 6º-B, a seu exclusivo critério, sem ônus para o Tesouro Nacional, não podendo os valores correspondentes integrar a declaração de responsabilidade a que alude o § 6º-A, ficam autorizadas:

I - a financiar a aquisição dos títulos do Tesouro Nacional, com valor de face equivalente ao da dívida a ser financiada, os quais devem ser entregues ao credor em garantia do principal;

II - a conceder rebate do qual resulte taxa de juros inferior a seis por cento ao ano.

** § 6º-C acrescido pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

§ 6º-D Dentro dos seus procedimentos bancários, os agentes financeiros devem adotar as providências necessárias à continuidade da assistência creditícia a mutuários contemplados com o alongamento de que trata esta Lei, quando imprescindível ao desenvolvimento de suas explorações.

** § 6º-D acrescido pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

§ 6º-E Ficam excluídos dos benefícios constantes dos parágrafos 5º, 6º-A, 6º-B, 6º-C e 6º-D os mutuários que tenham comprovadamente cometido desvio de finalidade de crédito.

** § 6º-E acrescido pela Lei nº 9.866, de 09/11/1999.*

§ 7º Não serão abrangidos nas operações de alongamento de que trata este artigo os valores deferidos em processos de cobertura pelo Programa de Garantia da Atividade Agropecuária - PROAGRO.

§ 8º A critério do mutuário, o saldo devedor a ser alongado poderá ser acrescido da parcela da dívida, escriturada em conta especial, referente ao diferencial de índices adotados pelo plano de estabilização econômica editado em março de 1990, independentemente do limite referido no § 3º, estendendo-se o prazo de pagamento referido no § 5º em um ano.

§ 9º O montante das dívidas mencionadas no caput, passíveis do alongamento previsto no § 5º, é de R\$ 7.000.000.000,00 (sete bilhões de reais).

§ 10. As operações de alongamento de que trata este artigo poderão ser formalizadas através da emissão de cédula rural, disciplinada pelo Decreto-lei nº 167, de 14 de fevereiro de 1967.

§ 11. O agente financeiro apresentará ao mutuário extrato consolidado de sua conta gráfica, com a respectiva memória de cálculo, de forma a demonstrar discriminadamente os parâmetros utilizados para a apuração do saldo devedor.

Art. 6º É o Tesouro Nacional autorizado a emitir títulos até o montante de R\$ 7.000.000.000,00, (sete bilhões de reais) para garantir as operações de alongamento dos saldos consolidados de dívidas de que trata o art.5º.

§ 1º A critério do Poder Executivo, os títulos referidos no caput poderão ser emitidos para garantir o valor total das operações nele referidas ou, alternativamente, para garantir o valor da equalização decorrente do alongamento.

§ 2º O Poder Executivo, por iniciativa do Ministério da Fazenda, fundamentará solicitação ao Senado Federal de aumento dos limites referidos nos incisos VI, VII e VIII do art.52 da Constituição Federal.

.....
.....

LEI Nº 10.437, DE 25 DE ABRIL DE 2002

Dispõe sobre o alongamento de dívidas originárias de crédito rural, de que trata a Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Ficam autorizados, para as operações de que trata o § 5º do art.5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995:

I - prorrogação do vencimento da prestação devida em 31 de outubro de 2001 para 29 de junho de 2002, acrescida dos juros pactuados de três por cento ao ano pro rata die";

II - pagamento mínimo de trinta e dois vírgula cinco por cento do valor a que se refere o inciso I até 29 de junho de 2002, mantido o bônus de adimplência previsto nos incisos I e V, alínea d, do § 5º do art.5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995.

§ 1º Para adesão às condições previstas neste artigo, os mutuários deverão estar adimplentes com suas obrigações ou regularizá-las até 29 de junho de 2002.

§ 2º O saldo devedor financeiro das operações de que trata este artigo será apurado pela multiplicação do saldo devedor das unidades de produtos vinculados pelos respectivos preços mínimos vigentes, descontando a parcela de juros de três por cento ao ano incorporada às parcelas remanescentes.

§ 3º Sobre o saldo devedor financeiro, apurado na forma prevista no § 1º deste artigo, incidirá juro de três por cento ao ano, acrescido da variação do preço mínimo da unidade de produto vinculado.

§ 4º As prestações subseqüentes à de vencimento prevista no inciso I serão calculadas sempre em parcelas iguais e sucessivas, em meses livremente pactuados entre os mutuários e credores, no último dia de cada mês, com vencimento pelo menos uma vez ao ano, sendo que a data da primeira prestação deverá ser até 31 de outubro de 2002 e da última até 31 de outubro de 2025.

§ 5º A repactuação poderá prever a dispensa do acréscimo da variação do preço mínimo estipulado contratualmente sempre que os pagamentos ocorrerem nas datas aprazadas, salvo se o devedor optar pelo pagamento mediante entrega do produto.

§ 6º O inadimplemento de obrigação, cuja repactuação previu a dispensa a que se refere o § 5º, ocasionará, sobre o saldo remanescente, o acréscimo da variação do preço mínimo estipulado contratualmente desde 31 de outubro de 2001.

§ 7º Na hipótese de liquidação antecipada e total da dívida até 31 de dezembro de 2006, aplicar-se-á, além do bônus descrito no § 5º do art.5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, desconto sobre o saldo devedor existente na data da liquidação, de acordo com o valor da operação em 30 de novembro de 1995, a saber:

I - vinte pontos percentuais para operações de valor até dez mil reais; ou

II - dez pontos percentuais para operações de valor superior a dez mil reais.

Art. 2º Fica autorizada, para as operações de que trata o § 6º-A do art.5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, a repactuação, assegurando, a partir da data da publicação desta Lei, aos mutuários que efetuarem o pagamento das prestações até a data do respectivo vencimento, que a parcela de juros, calculada à taxa efetiva, originalmente contratada, de até oito por cento, nove por cento e dez por cento ao ano sobre o principal atualizado com base na variação do Índice Geral de Preços de Mercado - IGP-M, não excederá os tetos de:

I - zero vírgula setecentos e cinquenta e nove por cento ao mês sobre o saldo principal, para a variação IGP-M do mês imediatamente anterior ao de incidência;

** Inciso I com redação dada pela Lei nº 10.696, de 02/07/2003.*

II - três por cento, quatro por cento e cinco por cento ao ano, para a taxa de juros de oito por cento, nove por cento e dez por cento, respectivamente, calculada pro rata die" a partir de 31 de outubro de 2001.

§ 1º O teto a que se refere o inciso I deste artigo não se aplica à atualização do principal da dívida já garantido por certificados de responsabilidade do Tesouro Nacional.

§ 2º Aplicam-se as disposições deste artigo aos mutuários com prestações vencidas, desde que os débitos pendentes sejam integralmente regularizados até 29 de junho de 2002.

§ 3º Na repactuação de que trata este artigo, o Tesouro Nacional efetuará, mediante declaração de responsabilidade dos valores atestados pelas instituições financeiras, o pagamento relativo à equalização entre o valor contratual para pagamento de juros e o valor recebido de acordo com o caput deste artigo.

§ 4º Incluem-se nas condições de renegociação de que trata o § 6º-A do art.5º da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, as operações contratadas entre 31 de dezembro de 1997 e 31 de dezembro de 1998, desde que contratadas com encargos pós-fixados.

Art. 5º Fica o gestor do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira - FUNCAFE, instituído pelo Decreto-Lei nº 2.295, de 21 de novembro de 1986, autorizado a conceder alongamento de prazos e ajustar encargos financeiros das operações que se seguem, conforme disposições específicas do Conselho Monetário Nacional:

I - operações de consolidação e reescalonamento de dívidas de cafeicultores e suas cooperativas, realizadas no exercício de 1997, e operações de custeio e colheita da safra 1997/1998, a que se refere o art.8º-A da Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995;

II - operações a que se refere o art.3º da Medida Provisória nº 2.196-3, de 2001.

Art. 6º Para as operações de crédito ao amparo do Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária - RECOOP, de que trata a Medida Provisória nº 2.168-40, de 24 de agosto de 2001, fica assegurada, a partir da data de publicação desta Lei, a taxa de juros efetiva de nove vírgula setenta e cinco por cento ao ano, em substituição aos encargos financeiros pactuados.

LEI Nº 4.595, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1964

Dispõe sobre a Política e as Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, Cria o Conselho Monetário Nacional e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA , faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

.....

CAPÍTULO V
DAS PENALIDADES

.....

Art. 44. As infrações aos dispositivos desta Lei sujeitam as instituições financeiras, seus diretores, membros de conselhos administrativos, fiscais e semelhantes, e gerentes, às seguintes penalidades, sem prejuízo de outras estabelecidas na legislação vigente:

- I - advertência;
- II - multa pecuniária variável;
- III - suspensão do exercício de cargos;
- IV - inabilitação temporária ou permanente para o exercício de cargos de direção na administração ou gerência em instituições financeiras;
- V - cassação da autorização de funcionamento das instituições financeiras públicas, exceto as federais, ou privadas;
- VI - detenção, nos termos do § 7º deste artigo;
- VII - reclusão, nos termos dos artigos 34 e 38, desta Lei.

§ 1º A pena de advertência será aplicada pela inobservância das disposições constantes da legislação em vigor, ressalvadas as sanções nela previstas, sendo cabível também nos casos de fornecimento de informações inexatas, de escrituração mantida em atraso ou processada em desacordo com as normas expedidas de conformidade com o art.4º, XII, desta Lei.

§ 2º As multas serão aplicadas até 200 (duzentas) vezes o maior salário mínimo vigente no País, sempre que as instituições financeiras, por negligência ou dolo:

- a) advertidas por irregularidades que tenham sido praticadas, deixarem de saná-las no prazo que lhes for assinalado pelo Banco Central da República do Brasil;
- b) infringirem as disposições desta Lei relativas ao capital, fundos de reserva, encaixe, recolhimentos compulsórios, taxa de fiscalização, serviços e operações, não-atendimento ao disposto nos artigos 27 e 33, inclusive as vedadas nos artigos 34 (incisos II a V), 35 a 40 desta Lei, e abusos de concorrência (art.18, § 2º);
- c) opuserem embaraço à fiscalização do Banco Central da República do Brasil.

§ 3º As multas cominadas neste artigo serão pagas mediante recolhimento ao Banco Central da República do Brasil, dentro do prazo de 15 (quinze) dias, contados do recebimento da respectiva notificação, ressalvado o disposto no § 5º deste artigo e serão cobradas judicialmente, com o acréscimo da mora de 1% (um por cento) ao mês, contada da data da aplicação da multa, quando não forem liquidadas naquele prazo.

§ 4º As penas referidas nos incisos III e IV, deste artigo, serão aplicadas quando forem verificadas infrações graves na condução dos interesses da instituição financeira ou quando da reincidência específica, devidamente caracterizada em transgressões anteriormente punidas com multa.

§ 5º As penas referidas nos incisos II, III e IV, deste artigo, serão aplicadas pelo Banco Central da República do Brasil admitido recurso, com efeito suspensivo, ao Conselho Monetário Nacional, interposto dentro de 15 (quinze) dias, contados do recebimento da notificação.

§ 6º É vedada qualquer participação em multas, as quais serão recolhidas integralmente ao Banco Central da República do Brasil.

§ 7º Quaisquer pessoas físicas ou jurídicas que atuem como instituição financeira, sem estar devidamente autorizadas pelo Banco Central da República do Brasil, ficam sujeitas à multa referida neste artigo e detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, ficando a esta sujeitos, quando pessoa jurídica, seus diretores e administradores.

§ 8º No exercício da fiscalização prevista no art.10, VIII, desta Lei, o Banco Central da República do Brasil poderá exigir das instituições financeiras ou das pessoas físicas ou jurídicas, inclusive as referidas no parágrafo anterior, a exibição a funcionários seus, expressamente credenciados, de documentos, papéis e livros de escrituração, considerando-se a negativa de atendimento como embaraço à fiscalização, sujeitos à pena de multa, prevista no § 2º deste artigo, sem prejuízo de outras medidas e sanções cabíveis.

§ 9º A pena de cassação, referida no inciso V, deste artigo, será aplicada pelo Conselho Monetário Nacional, por proposta do Banco Central da República do Brasil, nos casos de reincidência específica de infrações anteriormente punidas com as penas previstas nos incisos III e IV, deste artigo.

Art. 45. As instituições financeiras públicas não federais e as privadas estão sujeitas, nos termos da legislação vigente, à intervenção efetuada pelo Banco Central da República do Brasil ou à liquidação extrajudicial.

Parágrafo único. A partir da vigência desta Lei, as instituições de que trata este artigo não poderão impetrar concordata.

.....
.....

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 2.196-3, DE 24 DE AGOSTO DE 2001

Estabelece o Programa de Fortalecimento das Instituições Financeiras Federais e autoriza a criação da Empresa Gestora de Ativos - EMGEA.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º Esta Medida Provisória estabelece o Programa de Fortalecimento das Instituições Financeiras Federais.

Parágrafo único. Nas referências desta Medida Provisória, BB é o Banco do Brasil S.A., BASA é o Banco da Amazônia S.A., BNB é o Banco do Nordeste do Brasil S.A. e CEF é a Caixa Econômica Federal.

Art. 2º Fica a União autorizada, nas operações originárias de crédito rural, alongadas ou renegociadas com base na Lei nº 9.138, de 29 de novembro de 1995, pelo BB, pelo BASA e pelo BNB, a:

I - dispensar a garantia prestada pelas referidas instituições financeiras nas operações cedidas à União;

II - adquirir, junto às empresas integrantes do Sistema BNDES, os créditos decorrentes das operações celebradas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador ou com outros recursos administrados por aquele Sistema;

III - receber, em dação em pagamento, os créditos contra os mutuários, correspondentes às operações a que se refere o inciso II;

IV - adquirir os créditos correspondentes às operações celebradas com recursos das referidas instituições financeiras; e

V - receber, em dação em pagamento, os créditos correspondentes às operações celebradas com recursos do Tesouro Nacional.

§ 1º As operações a que se referem os incisos II a V serão efetuadas pelo saldo devedor atualizado.

§ 2º Os valores honrados pelas instituições financeiras, por força de garantia nos créditos cedidos à União, de que trata o inciso I, serão ressarcidos pela União às respectivas instituições à medida em que recebidos dos mutuários.

.....
.....

MINISTÉRIO DA FAZENDA

BANCO CENTRAL DO BRASIL
DIRETORIA

RESOLUÇÃO Nº 2.238, DE 31 DE JANEIRO DE 1996

O Banco Central do Brasil, na forma do artigo 9º da Lei n. 4.595, de 31 de dezembro de 1964, torna público que o Conselho Monetário Nacional, em sessão realizada em 31 de janeiro de 1996, tendo em vista as disposições do artigo 10 da Lei n. 9.138, de 29 de novembro de 1995, resolveu:

Art. 1º Estabelecer as seguintes condições e procedimentos a serem observados na formalização das operações de alongamento de dívidas originárias de crédito rural, de que trata a Lei n. 9.138, de 29 de novembro de 1995:

I - consideram-se dívidas originárias de crédito rural as operações “em ser” de custeio, investimento ou comercialização contratadas até 20 de junho de 1995, inclusive as inscritas em “crédito em liquidação”, compensadas como “prejuízo” ou renegociadas, desde que:

a) formalizadas com base na legislação e regulamentação aplicável ao crédito rural, excetuados os Empréstimos do Governo Federal, Com Opção de Venda (EGF/ COV), ressalvado o disposto no inciso I do artigo 2º desta Resolução;

b) realizadas ao amparo da Lei n. 7.827, de 27 de setembro de 1989 - Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste (FNO, FNE e FCO);

c) realizadas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT e de outros recursos operados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES;

d) realizadas ao amparo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira - FUNCAFÉ;

e) se trate de operações desclassificadas do crédito rural, excetuadas aquelas decorrentes de desvio de crédito ou de outra ação dolosa do devedor;

f) se trate de assunção de dívidas referentes às operações mencionadas nas alíneas anteriores deste inciso, formalizadas até 30 de novembro de 1995.

II - outras operações passíveis de enquadramento no processo de alongamento serão analisadas em função das disponibilidades de recursos;

III - na hipótese de as operações de alongamento não alcançarem o montante de R\$ 7.000.000.000,00 (sete bilhões de reais), definido no artigo 5º, § 9º, da Lei n. 9.138/95, o diferencial será utilizado para dar tratamento singular às situações especiais de concentração regional de endividamento;

IV - admitir a utilização de mais de um instrumento de crédito, quando inviável a formalização dos ajustes de alongamento em um único instrumento contratual;

V - em qualquer hipótese, o total do saldo devedor objeto do alongamento, deve ser apurado com base em 30 de novembro de 1995, data de publicação da Lei

n. 9.138/95 no “Diário Oficial” da União, independentemente do vencimento da operação;

VI - para fins do alongamento de dívidas vencidas até 30 de novembro de 1995, o total do saldo devedor deve ser calculado com base nos encargos financeiros previstos nos contratos originais para a operação enquanto em curso normal, até a data do vencimento pactuado. A partir do vencimento e até 30 de novembro de 1995, incidirão os encargos financeiros totais até o limite máximo de 12% a.a. (doze por cento ao ano) mais o índice de remuneração dos depósitos de poupança, expurgando-se, se houver:

a) os valores relativos à capitalização de juros em desacordo com o disposto no Decreto-Lei n. 167, de 14 de fevereiro de 1967, ou em outra norma legalmente estabelecida;

b) os débitos relativos à multa, mora, taxa de inadimplemento e honorários advocatícios de responsabilidade da instituição financeira;

c) a diferença entre os valores cobrados dos mutuários a título de adicional do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária - PROAGRO e aqueles legalmente autorizados;

d) outros débitos, não relativos a encargos financeiros básicos, não previstos no contrato original.

VII - para fins do alongamento de dívidas vencidas ou vincendas após 30 de novembro de 1995, o total do saldo devedor deve ser calculado com base nos encargos financeiros previstos nos contratos originais para operação enquanto em curso normal, até a data-limite de 30 de novembro de 1995;

VIII - fica assegurada a revisão do cálculo dos encargos financeiros, pela instituição credora, em instância superior à da agência, quando o beneficiário entender que o saldo devedor foi apurado em desacordo com os critérios definidos neste normativo. Persistindo o entendimento do beneficiário, este poderá requerer, inclusive através de entidade de classe, a revisão do cálculo a uma comissão especialmente formada para essa finalidade, integrada por 3 (três) representantes das entidades de classe dos agricultores, 3 (três) do Governo Federal e 3 (três) do Banco do Brasil S/A, observado que:

a) a utilização dessas prerrogativas não pode redundar em anotação restritiva contra o beneficiário;

b) a revisão deve retroceder à operação original quando os saldos devedores passíveis de alongamento forem resultantes de operações cujos recursos tenham sido empregados na liquidação de dívidas anteriores.

IX - na hipótese de saldo devedor consolidado superior a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), o beneficiário tem direito ao alongamento até aquele montante, desde que ajuste com o credor o saldo de sua dívida. O valor excedente será livremente renegociado entre financiado e financiador, vedada sua equalização pelo Tesouro Nacional e observadas as seguintes condições:

a) pode ser utilizado para cumprimento da exigibilidade da fonte de recursos que vier a lastreá-lo;

b) não pode comprometer mais de 50% (cinquenta por cento) da exigibilidade da respectiva instituição financeira, prevista no MCR 6-2.

X - no caso de operações contraídas isoladamente por cônjuges, deve ser adotado o limite de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para cada um deles, desde que identificadas pelos respectivos CPFs individuais, à época da contratação;

XI - para efeito de apuração do saldo devedor nos casos de assunção de dívidas passíveis de alongamento, considera-se contrato original o instrumento de assunção da dívida,

exceto na hipótese de os assuntadores serem os avalistas, quando prevalecem os instrumentos de créditos que contêm os avais e o limite de

R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para cada um dos avalistas;

XII - as cooperativas de crédito rural submetidas a regime de intervenção ou liquidação extrajudicial previsto na Lei n. 6.024, de 13 de março de 1974, ficam autorizadas a saldar dívidas decorrentes de crédito rural, mediante transferência para as instituições financeiras repassadoras dos recursos por contratos a eles vinculados, processando-se o alongamento das respectivas dívidas diretamente entre o associado e a instituição financeira repassadora;

XIII - para quantificação da dívida a ser alongada, deve ser considerada a composição do quadro de associados ativos existentes nas cooperativas ou associações em 20 de junho de 1995.

Art. 2º O alongamento de dívidas abrange inclusive:

I - as parcelas de Empréstimo do Governo Federal, Com Opção de Venda (EGF/COV) repactuadas de acordo com as Resoluções ns. 2.164 e 2.187, de 19 de junho de 1995 e 9 de agosto de 1995, respectivamente;

II - os casos de devedores que tenham abandonado a atividade agropecuária.

.....
.....

MINISTÉRIO DA FAZENDA**BANCO CENTRAL DO BRASIL****RESOLUÇÃO Nº 2.471, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998**

O BANCO CENTRAL DO BRASIL, na forma do artigo 9º da Lei n. 4.595, de 31 de dezembro de 1964, torna público que o CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL, em sessão realizada em 19 de fevereiro de 1998, tendo em vista as disposições dos artigos 4º, inciso VI, da citada Lei, 4º e 14 da Lei n. 4.829, de 5 de novembro de 1965, e 8º e 10 da Lei n. 9.138, de 29 de novembro de 1995, resolveu:

Art. 1º Autorizar a renegociação de dívidas originárias de crédito rural sob condições especiais, vedada a equalização de encargos financeiros pelo Tesouro Nacional.

§ 1º A renegociação pode abranger dívidas:

I - passíveis de enquadramento na Resolução n. 2.238, de 31 de janeiro de 1996, renegociadas ou não, mas que não tenham sido objeto de alongamento/securitização com base naquele normativo;

II - de valor excedente a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), referidas no artigo 5º, § 6º, da Lei n. 9.138, de 29 de novembro de 1995, e no artigo 1º, inciso IX, da Resolução n. 2.238/96;

III - decorrentes de empréstimos de qualquer natureza, vencidos ou vincendos, cujos recursos tenham sido utilizados para amortização ou liquidação de operações de crédito rural formalizadas até 20 de junho de 1995.

§ 2º A renegociação está condicionada à aquisição, pelos devedores, por intermédio da instituição financeira credora, de títulos do Tesouro Nacional, tipificados no anexo desta Resolução, com valor de face equivalente ao da dívida a ser renegociada, os quais devem ser entregues ao credor em garantia do principal.

Art. 2º Para fins da renegociação de que trata esta Resolução, o saldo devedor deve ser apurado com observância das seguintes condições:

I - os valores não renegociados com base no artigo 5º da Lei n. 9.138/95 e na Resolução n. 2.238/96 sujeitam-se:

a) até a data do vencimento pactuado no instrumento de crédito ou da repactuação de que trata esta Resolução, a que ocorrer primeiro: aos encargos financeiros previstos no instrumento de crédito original para a situação de normalidade;

b) do vencimento pactuado até a data da renegociação: à incidência da remuneração básica dos depósitos de poupança mais taxa efetiva de juros de até 12% a.a. (doze por cento ao ano), ficando excluídos os encargos relativos à mora, multa e inadimplemento;

II - os valores renegociados com base no artigo 5º, § 6º, da Lei n. 9.138/95 e no artigo 1º, inciso IX, da Resolução n. 2.238/96, contemplando, inclusive, o diferencial de índices verificado por ocasião do Plano de Estabilização Econômica editado em março de 1990, sujeitam-se:

a) a partir da data da renegociação anteriormente formalizada e até igual dia do mês de janeiro de 1998: à remuneração básica dos depósitos de poupança mais taxa efetiva de juros de 12% a.a. (doze por cento ao ano), procedendo-se aos acertos contábeis devidos;

b) sobre o saldo devedor apurado na forma da alínea anterior: à incidência dos encargos, inclusive atualização, definidos no artigo 3º, inciso II, desta Resolução.

.....
.....

MINISTÉRIO DA FAZENDA**BANCO CENTRAL DO BRASIL****RESOLUÇÃO BACEN Nº 2.906, DE 21 DE NOVEMBRO DE 2001**

Altera e consolida disposições sobre alongamento de dívidas, ao amparo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé), e sobre prorrogação dos prazos de vencimento dos financiamentos de lavouras de café, amparados em recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e revoga as resoluções que menciona.

O BANCO CENTRAL DO BRASIL, na forma do art.9º da Lei n. 4.595, de 31 de dezembro de 1964, torna público que o CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL, em sessão realizada em 21 de novembro de 2001, tendo em vista as disposições dos arts. 4º, inciso VI, da referida lei, 4º e 14 da Lei n. 4.829, de 5 de novembro de 1965, 5º e 6º da Lei n. 10.186, de 12 de fevereiro de 2001, e 4º e 7º da Medida Provisória n. 9, de 31 de outubro de 2001, resolveu:

Art. 1º Estabelecer que na consolidação e no alongamento das dívidas formalizadas até 23 de junho de 2001, ao amparo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé), devem ser observadas as seguintes condições:

I - encargos financeiros:

a) operações vinculadas à estocagem de café tipo exportação e associadas ao Compromisso Internacional de Retenção de Café, formalizadas ao amparo da Resolução n. 2.732, de 14 de junho de 2000, com as alterações introduzidas pelas Resoluções ns. 2.759, de 13 de julho de 2000, e 2.849, de 29 de junho de 2001: taxa efetiva de juros de 9,5% a.a. (nove inteiros e cinco décimos por cento ao ano);

b) demais operações, inclusive aquelas renegociadas ao amparo do art.2º da Resolução n. 2.666, de 11 de novembro de 1999: taxa efetiva de juros de 9,5% a.a. (nove inteiros e cinco décimos por cento ao ano), com bônus de adimplência de 3,75% (três inteiros e setenta e cinco centésimos pontos percentuais), observado o disposto no § 1º;

II - prazos de reembolso, considerados a partir da data da renegociação:

a) operações vinculadas à estocagem de café tipo exportação: em duas parcelas, com pagamento mínimo de 50% (cinquenta por cento) do saldo devedor atualizado até 31 de dezembro de 2003 e o restante até 31 de dezembro de 2004;

b) demais operações: em até doze anos, observados os seguintes percentuais a serem aplicados sobre o saldo devedor e o disposto no § 3º:

1. 9,5% (nove inteiros e cinco décimos por cento), no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto ano;

2. 14,5% (catorze inteiros e cinco décimos por cento), no quinto ano;

3. 19,5% (dezenove inteiros e cinco décimos por cento), no sexto ano;
4. 24,5% (vinte e quatro inteiros e cinco décimos por cento), no sétimo ano;
5. 29,5% (vinte e nove inteiros e cinco décimos por cento), no oitavo e no nono

ano;

6. 39,5% (trinta e nove inteiros e cinco décimos por cento), no décimo e no undécimo ano;

7. o saldo remanescente, no duodécimo ano;

III - garantias: as usuais para o crédito rural;

IV - remuneração do agente financeiro: a ser fixada oportunamente, como decorrência do disposto no art.3º da Medida Provisória n. 2.196-3, de 24 de agosto de 2001;

V - remuneração do Funcafé: os mesmos encargos financeiros cobrados dos mutuários;

VI - risco operacional: do Funcafé.

§ 1º Na ocorrência de atraso no pagamento de parcela de financiamento renegociado ao amparo desta resolução, o mutuário perde o direito ao bônus previsto no inciso I, alínea “b”, deste artigo para a parcela em atraso e passa a sujeitar-se aos encargos previstos no art.5º da MP n. 2.196-3, de 2001, desde a data do vencimento até a data do efetivo pagamento da parcela em atraso, observado ainda o disposto no parágrafo seguinte.

§ 2º Na hipótese de o atraso no pagamento da parcela superar o período de 180 dias, a instituição financeira deve considerar vencida antecipadamente toda a dívida e adotar as medidas normalmente aplicáveis para cobrança de créditos da União, conforme ajustado com a Secretaria do Tesouro Nacional.

§ 3º O cronograma de reembolso de que trata o inciso II, alínea “b”, deste artigo foi definido com:

I - taxa de juros sem o bônus de adimplência de que trata o inciso I, alínea “b”, deste artigo;

II - previsão de pagamento apenas dos juros até o quarto ano;

III - parcelas fixadas em porcentagem do saldo devedor atualizado, a partir do quinto ano;

IV - prestações anuais, devendo os vencimentos ocorrerem na data de aniversário da operação renegociada.

§ 4º Cabe ao agente financeiro cuidar para que seja preservada a relação original entre a dívida e as garantias oferecidas, devendo condicionar o alongamento, quando for o caso, à recomposição das garantias ou à amortização proporcional no valor da dívida.

§ 5º Fica admitida, previamente à formalização da renegociação de que trata este artigo, arcando o mutuário integralmente com as despesas decorrentes:

I - a movimentação do café dado em garantia para outro armazém credenciado e aceito pelo agente financeiro ou a substituição do produto por café de igual ou superior qualidade, quando se tratar de operações vinculadas à estocagem de café tipo exportação e associadas ao Compromisso Internacional de Retenção de Café;

II - a movimentação do café dado em garantia para outro armazém credenciado e aceito pelo agente financeiro ou a substituição do produto por café de igual ou superior qualidade ou por outra garantia, nos demais casos.

§ 6º É facultado ao mutuário de operação amparada pelo art.2º da Resolução n. 2.666, de 1999, permanecer nas condições renegociadas com base naquele normativo, ficando

vedada, no entanto, sua adesão à renegociação autorizada pelo art.1º da Medida Provisória n. 9, de 31 de outubro de 2001.

Art. 2º O alongamento de dívidas disciplinado pelo artigo anterior não abrange as operações renegociadas ao amparo das Resoluções ns. 2.238, de 31 de janeiro de 1996, e 2.471, de 26 de fevereiro de 1998.

.....

.....

PORTARIA Nº 275, DE 12 DE SETEMBRO DE 2002

O MINISTRO DE ESTADO DA FAZENDA INTERINO, no uso das atribuições que lhe confere o art.87, parágrafo único, inciso II, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art.16 da Medida Provisória nº 2.196-3, de 24 de agosto de 2001, e no art.3º da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002,

R E S O L V E:

Art. 1º O Banco do Brasil S.A. é autorizado a representar a União nos instrumentos contratuais concernentes à repactuação das operações originárias de crédito rural transferidas à União sob a égide da Medida Provisória nº 2.196-3, de 24 de agosto de 2001, e sob sua administração, para a prática de todos os atos necessários à execução das seguintes medidas:

I – conceder aos mutuários o tratamento previsto nos arts. 1º e 2º da Lei nº 10.437, de 25 de abril de 2002, observadas as condições estabelecidas pelo Conselho Monetário Nacional.

II – autorizar, junto ao cartório competente, a baixa dos gravames incidentes sobre as garantias constituídas, quando da liquidação das respectivas operações ou da substituição do bem vinculado, observando-se as regras usuais aplicáveis às operações do Banco.

Parágrafo único. O Banco do Brasil S.A. é autorizado a atestar, junto às autoridades cartorárias dos Registros Públicos competentes, quais as operações foram efetivamente transferidas à União.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

AMAURY GUILHERME BIER

FIM DO DOCUMENTO
